

## Comunicação e comunidade na cidade do Rio de Janeiro: as costureiras da Mangueira<sup>1</sup>

João Maia<sup>2</sup>

### Breve história da comunicação e da comunidade da Mangueira

Acreditamos que se faz necessário uma breve panorâmica da localização do morro da Mangueira no cenário carioca. A representação sensível do local vai nos ajudar a imaginar a comunidade e a compreender a perspectiva da construção do nosso texto. Em primeiro lugar falaremos um pouco da vista do alto do morro. É impossível chegar lá bem no alto do morro e diante da vista não ficar impressionado com sua amplitude. De um lado a magnitude do Estádio do Maracanã, que alguns devem conhecer pessoalmente, outros por cartão postal e ou ainda por televisão através de alguma partida de futebol divulgada por canais esportivos. Sabemos consensualmente que o prédio do Maracanã é um verdadeiro monumento, ícone e marco na cidade do Rio de Janeiro. Em seguida, localizado bem próximo, vê-se o prédio da Universidade do Estado do Rio de Janeiro que com sua imponência moderna se transformou também em um grande marco na cidade. É um conjunto de prédios verdadeiramente modernos, altos e com pontes ligando blocos de concreto aparente. Isso sem falar da vista que se tem de todo o conjunto de edificações modernas construídas no bairro da zona norte da cidade do Rio de Janeiro.

Essa foi uma visão rápida do que se tem do alto da favela, a visão que as casas possuem da cidade. Por outro ângulo, agora de baixo, olhando da rua, temos uma massa de pequenas casas amontoadas, espremidas numa encosta, sem projetos definidos em pranchetas de arquitetos, com algumas árvores pontilhando o local de verde. Chega-se a imaginar o grau de sofisticação na elaboração da sustentação daquelas casas que estão ali, algumas por décadas, resistindo a uma conservação que se dá esporadicamente pelos próprios moradores. Mas à noite conseguimos enxergar uma certa beleza nas luzes

projetadas em massa ou em pequenos feixes brilhantes que piscam sem parar. A paisagem é quase lúdica.

Não podemos deixar de mencionar também um outro ângulo que propicia um olhar de dentro, que se elabora no circular pelos becos e ruelas: Nesse lugar não existe a amplitude, a modernidade de prédios, a distância proporcionada por grandes avenidas. Bem dentro da favela, ou no interior de seus becos apreendemos uma outra forma de ocupação espacial. O olhar vai se construindo a partir das ações dos que estão próximos, daqueles que nos abrem as portas de suas casas com roupas íntimas e nos que perambulam sempre de short, camiseta e chinelos. Todos estão em casa, seja do lado de dentro ou do lado de fora. A casa é expandida. Uma festa de aniversário, por exemplo, pode acontecer em um lugar que supostamente só serviria de passagem, mas, naquela data, no dia do aniversariante morador da ruela, é o local da comemoração. Instalam a churrasqueira, o isopor com as bebidas são bem acondicionados e todos estão convidados. O horário da festa é indeterminado e os convidados inesperados.

O circular é labiríntico, profundo, estendido. Quando passamos por um beco está lá uma janela aberta, uma porta aberta, um mundo aberto. Um convite de visita. Dona Lourdes, uma das primeiras moradoras do morro, hoje com mais de setenta anos, todos sabem, passa o dia sentada na cozinha. Todos os dias ela está sentada na cozinha fazendo tapetes. Todos os dias Dona Lourdes está sentada fazendo tapetes na cozinha que permanentemente tem a porta aberta para o beco. Passamos e a cumprimentamos com um oi rápido do lado de fora, de passagem, ou bem entramos, damos dois beijinhos afetuosos e saímos para continuar o percurso diário. Esse ambiente sugere uma certa fixidez na medida que sabemos onde as pessoas permanecem no seu dia a dia, o lugar que

ocupam naquele mundo, quando chegaram ali, seus amigos, seus hábitos mais íntimos. Sua história de vida. Os que moram na comunidade são conhecidos profundamente por todos.

Falamos de territórios, fronteiras, marcos, topografia, localidade, enfim da materialidade que se realiza apenas nas relações que se estabelecem nos laços comunitários, nos processos de interação. Mesmo os mais jovens têm seus itinerários bem delimitados, recortados no mapa dos costumes locais. O circular é bem circunscrito. O beco do Juarez, por exemplo, é o local freqüentado por jovens que querem uma noite ardente de sexo. Sabem quando o beco começou a servir de local amoroso, dos horários mais movimentados e do porque do batismo. Juarez, como todos podem supor, é um morador do beco. Dizem que é maluco, mas não faz mal a ninguém. Os jovens que passam por ali durante o dia não cumprimentam seu Juarez que fica na janela, mas sabem bem seu nome e de suas relações com o mundo. Há duas gerações, pelo menos, que o beco serve para namorar. Se bem que falar em gerações é bem especial. A gravidez de uma mulher acontece normalmente quando ela é ainda muito jovem.

O presente trabalho se propõe a pensar sobre o redimensionamento da noção de comunidade dentro do campo dos estudos culturais, usando conceitos desenvolvidos nas áreas da geografia cultural e da comunicação. Nossa tarefa se concentra em refletir sobre a maneira que “determinado estilo de vida”, formando o que chamamos de cultura comunitária, se inscreve no território delimitado da cidade e cria uma topografia simbólica. Estamos em início de pesquisa, mas a intenção é a de caminhar no interior de um mundo que retém culturalmente alguns elementos do que se considera comunitário. O olhar que se tem em um profundo orgulho não se constitui apenas no interior, compreendemos que os elementos que criam a comunidade também podem ter sido gerados do lado de fora, na visão panorâmica, na visão das ruas modernas. Estamos atentos que esses elementos exteriores sofrem releituras e são resignificados, no interior, pelos que vivem na comunidade. Os mangueirenses não estão forçadamente en-

terrados no espaço delimitado de um território. Não vamos trabalhar com o paradigma localista e tampouco com o seu oposto considerado globalista. Vamos pensar em olhar o nosso campo de maneira caleidoscópica. Nas relações cotidianas e informais, ao lado de determinações institucionais, verificamos o forte sentimento de pertença formando o lugar denominado comunidade. Este sentimento comunitário será sendo vivido nos elementos retidos em forma de cultura na associação específica Meninas (os) e Mulheres do Morro, que é uma Organização Não Governamental organizada na favela da Mangueira, na cidade do Rio de Janeiro.

Nas associações que estão se dando cada vez mais de maneira comunitária na cidade contemporânea o “estilo de vida” é o suporte e a justificativa para o “estar junto”. A cidade é pensada a partir desses pontos nodais de relações e marcações de estilos de vida que constituem o retrato do conjunto cultural que denominamos comunitário. É um conjunto plural, com certeza, porém marcado por pontos, lugares singulares. É nesse jogo interacional, que requisita a significação dos lugares, afirmados na circulação de elementos comunicacionais e promovidos por determinados agentes, que observamos a criação de marcos de ancoragem e de sociabilidade comunitária. A partir dessa idéia afirmamos que se cria uma nova topografia espacial na cidade a partir da cultura. Um dos elementos dessa cultura que se pode observar inicialmente é o sentimento de orgulho de se pertencer a comunidade mangueirense.

O grupo Meninas(os) e Mulheres do Morro, em uma de suas frentes de trabalho, pretende promover a transformação da cultura jovem feminina no território da Mangueira através da resignificação da maneira de vestir. O trabalho da associação se desenvolve com o objetivo de promover a autoestima de uma população jovem em relação ao próprio corpo e conseqüentemente levando à reflexão sobre o seu posicionamento nas relações sociais através da indumentária. A proposta primeira que se coloca é a de “customização” das roupas para que as meninas e mulheres coloquem algo que seja personalizado na maneira de se vestir e,

assim, as afastando da imagem de uma mulher social, afetiva e emocionalmente descartável denominada “cachorra”. Explica-se: as mulheres dessa Organização promovem a transformação das roupas colocando novos elementos, acessórios, recortando, bordando, tingindo, emendando recortes de tecidos, enfim, recriam a roupa industrializada acrescentando um elemento “muito próprio”. Acreditam que desta forma estariam dando mais possibilidades de escolhas pessoais para as meninas se colocarem frente ao outro, aos homens, a si próprias e ao mundo. A mulher e a menina, identificadas como “cachorra”, possuem características muito próprias de grupo. Vestem-se de maneira “vulgar”, talvez, segundo um padrão masculino. As cachorras estão sempre com decotes avantajados em camisetas de lycra coladas ao corpo, shorts justos e muitíssimos curtos ou calças de cintura muito baixa, brincos grandes, sandálias de plataforma altas. Todos os modelos das roupas, os acessórios e mesmo as atitudes estão no superlativo. Tudo muito grande, muito curto, muito justo, muito colorido. Tudo muito. Falam alto, gritam, gesticulam exageradamente.

Chamamos de costureiras as mulheres que trabalham com a transformação cultural através do modo de vestir, pois estão de alguma forma trazendo de volta uma tradição de ofício, do artesão que elabora manualmente e lentamente aquilo que cria. Estão criando não só roupas, mas também novas maneiras de olhar o mundo estão sendo elaboradas e isso, com certeza, acontece de maneira muito lenta. Este trabalho artesanal de criação não muda apenas a maneira de se vestir, mas a maneira de estar na comunidade, de circular pelas ruelas, becos e avenidas. Assim, com esse processo de customização começam a existir maiores possibilidades de se estar em grupo de maneira diversificada. Mudam a cultura, mudam o estilo de vida. Essas mulheres costureiras se colocam como agentes de comunicação na medida em que fazem circular novas idéias e reflexões sobre o mundo, assim gerando novos fluxos comunicacionais.

Reconhecemos que os objetos circulam na cidade de maneira cada vez mais acelerada e que assim devemos escolher sempre cada vez mais cuidadosamente as nossas

coisas, objetos, roupas, idéias e ideais no cotidiano. O processo de escolhas é um momento de tensão. A vida não sendo unicamente baseada na tradição de valores nos joga num mundo de pluralidade de opções não só de objetos de consumo objetivo, mas no dia a dia temos uma gama infinita de possibilidades de padrões de comportamento que podemos escolher. Segundo Anthony Giddens (GIDDENS, 2002:79) é importante compreendermos que “estilo de vida” significa muito mais do que simplesmente um consumismo superficial. Para o autor estilo de vida pode ser definido como sendo as práticas que o indivíduo incorpora em sua vida que não preenchem apenas necessidades utilitárias, mas “dão forma material a uma narrativa particular de auto-identidade”. Olhando no interior da comunidade, essa escolha de “estilo de vida”, mesmo que temporária, devido à velocidade e quantidade de ofertas, marcará a circulação das pessoas no território delimitado na Mangueira.

Com certeza essas práticas se transformam em rotina no sentido que são absorvidas na nossa maneira de vestir, de comer, de beber, de circular pela cidade e dos lugares que selecionamos para encontrar os amigos. Esse conjunto de práticas é a expressão das decisões não só em termos de escolhas superficiais, mas informa sobre quem somos. Dessa maneira vemos um determinado padrão seguido de maneira mais ou menos ordenada durante a vida. É claro que com a fragmentação do mundo contemporâneo as pessoas circulam por diversos universos e isso cria uma pluralidade de sentidos de opções de lugares que se frequenta, por exemplo. A esses distintos lugares de circulação e ancoragens Giddens chama de “setores do estilo de vida”. Um desses setores pode ser o local que escolhemos para nos distrair num sábado à tarde, mas que pode ser totalmente diferente em estilo dos locais que frequentamos durante a semana. Esses lugares de ancoragem para o homem que se apóia na moda para se territorializar marca um dos setores do estilo de vida. É um fragmento que pode reconfigurar o todo por sua força de agregação criando novos relevos na cartografia da cultura da cidade. É impossível esquecer que na comunidade da Mangueira,

normalmente, os lugares escolhidos para a diversão nos finais de semana são os mesmos freqüentados no meio da semana. Os personagens que circulam pela frente de uma festa no morro estarão lá, no mesmo local, durante a semana, o mês, anos e anos após gerações e gerações.

Movimento e inércia, velocidade e lentidão, tempo longo e tempo curto são idéias propulsoras para se pensar a cidade tendo como pano de fundo os jogos da sociabilidade na atualidade. O ambiente da cidade já foi marcado um dia pelo “espírito do tempo” da cultura de massa. A leitura que se impunha à paisagem urbana era contaminada por uma visão míope que não permitia o vislumbre de uma cultura que sugere a inércia ou a fixidez do homem em um determinado lugar. Nesse local o homem cria determinadas formas de sociabilidade tendo como suporte o seu “estilo de vida” marcado pelas correspondências dos que vivem no mesmo território localizado e determinado, ancorados em seus locais.

No fragmento da associação de costureiras, ou melhor, das agentes comunicacionais, admiramos o ambiente característico da cultura comunitária da cidade. Nesse lugar desvendam-se as tramas de significados tecidas pelas artesãs de culturas. Trata-se de compreender as crenças contidas nas representações e práticas dando sentido à forma de agregação social que, em consequência, cria uma nova cartografia. Essa topografia simbólica é criada a partir do desejo compartilhado, dos objetivos em comum, pelos membros do grupo Meninas(os) e Mulheres do Morro.

### **Cidade, espaço e lugar: recortes e fragmentos territoriais**

A visão de Milton Santos (2001) sobre o espaço geográfico contemporâneo colabora com o nosso trabalho na medida em que nos ajudar a pensar e a localizar o lugar de permanência do grupamento comunitário na cidade. O autor aponta duas concepções de espaço através de suas verticalidades e de suas horizontalidades.

Um conjunto de pontos forma o espaço de fluxos e define-se como espaço das verticalidades, onde se localizam as “tarefas

produtivas hegemônicas”. As atividades econômicas dominam o espaço da verticalidade. Alguns donos do poder, denominados de macroatores, organizam o trabalho de todos os outros e as macroempresas administram a regulamentação do conjunto do espaço. Tais regulamentações visam a favorecer os atores hegemônicos.

O local pode ser explorado e usado como recurso a partir do uso pragmático que as empresas fazem desse território. Nesse contexto observamos grandes empresas dando o sentido ao local, porém um sentido meramente econômico. Não é o fato que acontece com as/os Meninas(os) e Mulheres do Morro, pois o grupo se mantém afastado de qualquer intervenção oficial ou empresarial. Uma grande cadeia de lojas oferece as roupas que serão retrabalhadas para novos usos, mas a empresa não tem nenhuma interferência no trabalho do grupo. A organização se estrutura a partir dos desejos que se realizam e se cristalizam no cotidiano banal vivido no interior da favela da Mangueira.

No espaço contínuo da horizontalidade se instala a vida banal. É o espaço das vivências entre as pessoas, instituições, empresas. A partir deste espaço cria-se uma “solidariedade orgânica”. Podem estar presentes as empresas, os capitais, as diversas técnicas, mas o que as movimenta é a integração no processo de ação. A produção, no espaço da horizontalidade, é fruto da solidariedade interna cuja natureza é econômica, social, cultural e “propriamente geográfica”. Milton Santos localiza a existência de contraracionalidades nesses espaços orgânicos de solidariedade que demonstram uma maneira de compartilhar o território longe da racionalidade hegemônica das verticalidades. Para Milton Santos vemos a coexistência de várias temporalidades compartilhando o mesmo espaço da horizontalidade que serve de resistência ao tempo do relógio da produção vertical.

O autor partilha conosco a idéia da existência de um outro tempo que marca o andar por um determinado local. É no tempo lento e resistente, que denominamos de comunitário, que se inscrevem as tradições pelos diversos rituais que marcam e individualizam determinado local. Para os Meninas(os) e Mulheres do Morro mais do

que moda as jovens são estimuladas a refletir sobre o seu papel, sua inscrição e inserção na comunidade. Pois é nesse local que elas cresceram e seus filhos irão nascer e se inserir como cidadãos. Estabelece-se uma relação de fixidez territorial. Para Milton Santos:

*“o território não é apenas o lugar de uma ação pragmática e seu exercício comporta, também, um aporte da vida, uma parcela de emoção, que permite aos valores representar um papel. O território se metamorfoseia em algo mais do que um simples recurso...”*<sup>3</sup> (2001:7)

No espaço criado pelo homem comum se instala um certo estilo de sociabilidade que nos inspira a falar de fixidez territorial construindo um mapa novo para a cidade. Uma forma com códigos muito específicos de se relacionar, de compartilhar o espaço determina a cultura comunitária. É o espaço das vivências entre as pessoas, instituições, empresas. A partir do espaço cria-se uma “solidariedade orgânica”.

Nesse jogo de forças as cidades sofrem pressões múltiplas que não permitem afirmações totalitárias sobre o modo de como o indivíduo se apropria dos lugares de interação. Não se aceita mais a leitura que privilegia sempre, de um lado, a interação mediada por técnicas, sua racionalidade e sua objetividade e, por outro lado, uma interação mediada por símbolos e pela ação comunicacional. Hoje, não mais se trata de dualidade e de contradição bipolar, mas, além disso, se faz necessário constatar que ao lado da produção dos espaços pelos homens de poder existe um múltiplo caminhar que é organizado pelo cotidiano construído em conjunto por pessoas que se estabelecem profundamente no local.

Gel e cortes de cabelo, maquiagem e cores, acessórios e próteses, tatuos e relevos, músculos e texturas das peles circulam marcando a forma do cenário da cidade. A cidade sempre serviu de palco para as mais diversificadas experimentações de estilos. Esse conjunto caleidoscópico originado no encontro de pessoas. A cidade recortada pelos estilos de vida que a reconfiguram, em uma nova forma de cartografia, nos remetem a pensar na questão da cultura.

Roberto Lobato Corrêa (2003) afirma que as relações entre cultura e urbano se manifestam de diversas maneiras e ressalta três modos possíveis dessas manifestações. A primeira delas é a “toponímia e identidade” que expressa uma efetiva apropriação do espaço por um dado grupo cultural. Para o autor existe uma toponímia oficial associada aos interesses de uma elite, ela seria construída institucionalmente, e outra informal, “ancorada na cultura popular, extremamente viva, reconhecida por todos, identificando os lugares e as pessoas que nelas vivem” (LOBATO CORRÊA, 2003:177).

A segunda manifestação está presente na “produção de formas simbólicas” da cidade. As formas simbólicas podem ser entendidas de forma abrangente, como objetos investidos de significados emocionais ou intelectuais, que de alguma maneira se tornam instrumento de comunicação, de ornamentação ou mesmo de posição social e vai abranger filmes, músicas, móveis, design e evidentemente as roupas. É a partir desse “capital cultural” que reconhecemos a identidade desses lugares de ancoragem. Esse espaço é compartilhado por operárias, trabalhadoras, donas de casa, líderes comunitários, pelas cachorras, mas também por jovens que estão reestruturando localmente sua auto-imagem diante do mundo. Escutar determinada música, se vestir de tal forma, circular por um mapa traçado pelos hábitos cotidiano me apresenta à comunidade com determinada identidade.

Finalmente o terceiro modo de relação entre cultura e urbano, para Lobato Corrêa, está na “paisagem urbana e seus significados”. A paisagem muda constantemente devido à reciclagem e a circulação dos signos e símbolos. Esse pensamento é pertinente na medida que nos possibilita afirmar que a paisagem urbana pode expressar valores da sociedade e dessa maneira nos permite afirmar a existência de uma cultura comunitária na cidade contemporânea mexendo com o todo. Uma cultura está marcando o cenário carioca. Basta desacelerar o passo, olhar pra cima, para morro e admitir que naquele espaço existem pessoas interagindo e formando o mundo.

O estudo sobre as formas de ocupação do espaço urbano não é novidade, porém hoje

se mostra necessário repensar algumas noções que foram por longo tempo menosprezadas para a compreensão da inscrição do homem em um dado território. A relação do homem com a cidade e com o grupo já foi compreendida via tensão, não permitindo uma visão que privilegiasse o seu orgulho de pertencer a um determinado lugar. Com a obra intitulada *A questão urbana* de Manuel Castells (2000) podemos compreender esse tipo de imagem que temos constantemente da cidade. O autor afirma que esta construção, que representa a sociedade urbana com um sistema de valores preciso, com normas e relações sociais possuindo uma especificidade histórica e uma lógica própria de organização e transformação, está ligada ao pensamento evolucionista-funcionalista da escola sociológica alemã. Tönnies, Simmel e Splengler são os exemplos usados por Castells para mapear o pensamento que afirma que as etapas históricas possuem uma dinâmica ligada a uma evolução natural e indiferenciada.

Em Tönnies a evolução se mostra quando afirma que passamos de “uma forma comunitária para uma associativa”, em Simmel é possível compreender o tipo “metropolitano”, em tensão constante para manter a sua individualidade, bem distinto do tipo rural onde a sua ligação com a comunidade se dava de maneira espontânea e tranqüila, e em Spengler a cultura urbana está ligada à última fase do ciclo das civilizações. Com Wirth constatamos a procura de uma definição sociológica para a cidade com características próprias, sem serem levadas em consideração argumentações de outras áreas ou mesmo as oposições possíveis que poderia haver com o modo de vida rural. A cidade, assim, passa a ser compreendida como uma localização permanente, relativamente grande e densa, de indivíduos socialmente heterogêneos. Era uma clara tentativa de ultrapassar os critérios geográficos da época e não reduzir a questão da cidade a uma interpretação econômica.

Porém, hoje é possível um diálogo aberto com a geografia pela abrangência que a área busca para recuperar o valor cultural como expressão de lugar, de uma cultura fomentada pelos agentes de comunicação. Identificamo-nos com a geografia cultural

pela abordagem em relação a algumas categorias. Em relação ao tempo, o presente é um foco de interesse, pois afirma a criação cultural como parte integrante da trajetória humana. Em relação à escala os objetos e ações devem ser interpretados levando-se em conta a escala em que ocorrem, isto é, o que seria universal, particular ou singular e também quando a geografia aponta a atividade humana como material e simbólica, produção e comunicação. Ainda recorremos a Lobato Corrêa quando o autor adota a metáfora de “mapas de significados” para trabalhar sobre a diversidade cultural no âmbito dos significados. A cultura se constitui espacialmente, logo é mapeável.

A nossa proposta foi a de criar uma cartografia da cidade contemporânea possibilitando conhecimento das múltiplas e simbólicas espaço-temporalidades da ação criativa do homem comum que circula nos diversos ambientes de exercício de sociabilidade. Afirmamos um estilo de vida que não é institucionalizado, padronizado, de consumo imediato ou produzido nos espaços das “verticalidades”. A representação de cidade contemporânea levará em consideração o estilo de vida como instrumento de sociabilidade no espaço banal, no cotidiano criativo dos becos da comunidade que pertence à cidade do Rio de Janeiro.

Uma “trama relacional das localizações”<sup>3</sup> recorta a cidade modelando, a partir das interações, determinados territórios. Algumas práticas sociais entendidas como “estilos de vida” imprimem significado ao espaço. O homem marca o território através da sua visão de mundo que elabora na malha das relações localizadas, em pequenos retalhos da cidade. Os recortes fragmentam a cultura da cidade e mesmo assim ainda é possível nascer um sentimento de pertença localista que podemos denominar de comunitário.

### **Os lugares tecidos por aquelas que costumam costumes**

É no jogo interacional que observamos a criação de lugares de ancoragem e de sociabilidade comunitária revelando um tipo de associação que se apóia e usa cada dia mais no convívio próximo e que de certa maneira sugere fixidez territorial. Dizemos

que são nessas criações recheadas de significados, estabelecidas por combinações simbólicas, que se localiza a marca da cultura comunitária da cidade contemporânea. As associações nesses lugares servem como suporte, materializam em estilos o ambiente comunitário dos lugares. A associação Meninas(os) e Mulheres do Morro foi criada dentro do jogo interacional do “estilo de vida” determinando fronteiras territoriais, demarcando e recortando a cidade. Um dos elementos que pode ser encarado como fator de agregação comunitária e geradora de cultura na cidade é a customização de roupas para a revalorização do papel da mulher no morro da Mangueira, inscrita na sociedade como um todo.

As noções de cidade, de estilos de vida e de cultura comunitária presente nesse artigo, se constroem, se costuram e se esgarçam constantemente em um ambiente contemporâneo de instabilidades. Partimos do princípio que o nosso momento, o atual “espírito do tempo” não nos permite trabalhar com uma rigidez severa em termos conceituais para falar de cultura. “O comportamento, dinâmico e mutável, dos atores sociais é considerado de forma relevante, e surge toda uma gama de problemas e requalificações do espaço, estranhas ao modelo das tipologias tradicionais” (COSTA GOMES,2002:18).

O território é constituído pela pluralidade de estilos de vida que demarcam simbolicamente a forma de agregação espacial e social comunitária. A cultura tendo como suporte os estilos nos guiará para a constituição de um fragmento da imagem panorâmica da cidade contemporânea e seu ambiente comunitário. Não vamos qualificar diferentes partes da cidade. Iremos recolher fragmentos para reconfigurar o todo e fragmentar o conjunto que caracteriza a cidade, de forma holística.

O figurino, os objetos de cena, o texto, o contexto, a iluminação, a musicalidade marcam o estilo da obra que se desenrola no palco da cidade contemporânea. A cultura comunitária é esse conjunto harmônico e dissonante que recorta e modela não só a Mangueira como os grandes bairros da cidade do Rio de Janeiro, e talvez na América Latina. Os fluxos culturais impulsionados, energizados, imantados pelos estilos de vida criam a identidade dos lugares acorrentados no cotidiano. Pode parecer paradoxal falar por um lado de fluxos que sugerem apenas movimento e por outro lado exibir lugares com história própria de vida, que sugere inércia e fixidez. Nomadismo e sedentarismo. Movimento e inércia vão de par. Fundo e forma, cor e textura. Uma obra se cria e uma comunidade se modela.

**Bibliografia**

**Castells**, Manoel. *A questão urbana*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

**Costa Gomes**, Paulo César da. *A condição urbana: ensaios de geopolítica da cidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

**Giddens**, Anthony. *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2002.

**Lobato Corrêa**, Roberto. *Trajetórias geográficas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

**Lobato Corrêa**, Roberto e ROSENDAHL (org). *Introdução à Geografia Cultural*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

**Santos**, Milton. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. 5ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

---

<sup>1</sup> Este texto foi elaborado a partir da pesquisa que o autor desenvolve no PACC da UFRJ no pós-doutorado e também da pesquisa do programa de Pró-Cientista da UERJ. Os seguintes estagiários acompanham a pesquisa de campo: Juliana Krapp, Marina Maria Gonçalves e Márcia Gonçalves.

<sup>2</sup> Faculdade de Comunicação Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

<sup>3</sup> Expressão usada por COSTA GOMES, Paulo César da. *A condição urbana: ensaios de geopolítica da cidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.